



Carta do Ministro Geral

John Corriveau OFM Cap

IMAGEM DA DIVINDADE

CARTA CIRCULAR 27

11 de agosto de 2006

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

Sommario

VIVER COMO IRMÃOS E IRMÃS.....	6
RELAÇÕES REDIMIDAS.....	8
POBREZA E CONTEMPLAÇÃO.....	10
O DOM DAS CLARISSAS À ORDEM E AO MUNDO.....	13

**CARTA CIRCULAR 27
IMAGEM DA DIVINDADE**

“...transforme-se inteira... na imagem da divindade ...”

(3In 12-15)

***“Quem caminha para Deus não se afasta dos seres humanos,
antes, torna-se-lhes verdadeiramente vizinho”***

(Bento XVI, *Deus caritas est*, 42).

Prot. N. 00493/06

ÀS IRMÃS CLARISSAS CAPUCHINHAS,

1.1. Nos dias 15 a 23 de maio de 2006 realizou-se o *Encontro Internacional das Presidentes das Federações das Clarissas Capuchinhas*, no Mosteiro Santa Verônica Giuliani, na Cidade do México. Com esta carta lhes envio a síntese das discussões e as resoluções deste Encontro. Esta ocasião me oferece a oportunidade de exprimir o apreço e a admiração pelo testemunho de oração, simplicidade e fraternidade que experimentei na fraternidade da Cidade do México e em tantos mosteiros visitados nos últimos 12 anos. Com vocês, desejo continuar idealmente o Encontro, refletindo sobre nosso comum carisma franciscano no mundo de hoje.

VIVER COMO IRMÃOS E IRMÃS

Uma Vida modelada na Trindade

2.1. Os escritos de São Francisco transbordam o Mistério da Trindade. A Regra não bulada (RnB) inicia “*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*” (RnB 1) e termina “*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...*” (RnB XXIV,5). Anunciando sua intenção de escrever a Carta a Todos os Fiéis, São Francisco afirma:

“... de referir a vocês as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Verbo do Pai e as palavras do Espírito Santo” (2Fi, 3).

Os seus escritos são louvores ao Mistério da Trindade.

“...amemos, honremos, adoremos, sirvamos, louvemos e bendigamos, glorifiquemos e superexaltemos, magnifiquemos e rendamos graças ao altíssimo e sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo, criador de todas as coisas e salvador de todos os que nele crêem e esperam e o amam, a ele que é sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável, bendito, louvável, glorioso, superexaltado, sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos dos séculos” (RnB XXIII, 11).

2.2. São Francisco experimenta a Trindade como “Relação de Amor Inexprimível”, revelado a nós no Mistério da Encarnação.

“O altíssimo Pai anunciou... este seu Verbo... por meio do seu santo anjo Gabriel ao útero da santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade” (2Fi, 4).

Nós fazemos parte desta “Relação de Amor Inexprimível”.

“Como é glorioso, santo e sublime ter nos céus um Pai! Como é santo, consolador, belo e admirável ter um esposo! Como é santo e dileto, apazível, humilde, pacífico, doce, amável e acima de tudo desejável ter tal irmão” (2Fi, 54-56).

2.3. Francisco intuiu de modo incrível as palavras de Jesus “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim*” (Jo 14,6). Ele seguia Jesus não somente naquilo que Ele tinha feito, mas especialmente na relação que Jesus tinha com o Pai. Francisco compreendeu que Jesus tornou a nós todos filhos e

filhas do Pai. Imitando a Sua relação com o Pai nós passamos a fazer parte daquela “Relação de Amor Inexprimível”. Clara teve a mesma intuição: *“Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo”* (2In, 20).

2.4. Francisco estabeleceu a sua Ordem como fraternidade inspirada na mesma clareza espiritual. O VII CPO afirma “a vida fraterna nos conduz à íntima relação com a Trindade” (VII CPO, 1b). Francisco escolheu a fraternidade, uma vida em relação como irmãos e irmãs pois Deus Trindade é por natureza relacional: *“Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou”* (Gn 1, 27). Não somos criados à imagem de um Deus solitário, isolado e autônomo, mas do Deus Trindade, pessoal, relacional, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Portanto, nós somos imagem de Deus somente quando vivemos em relação. A fraternidade foi a experiência fundamental da sua conversão: *“E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer... ..”* (Test 14). E a fraternidade se torna a sua missão.

“Francisco abraçou o plano de Deus para as suas criaturas como uma família de irmãs e de irmãos: irmão sol, irmã lua, etc. (cf. Cnt). Ele nunca se chamou simplesmente ‘Francisco’ mas sempre ‘Frei Francisco’. Ser ‘irmão’ revela o seu sentir-se relacionado com cada criatura a quem Deus o chamava e a sua missão de sanar as relações com dócil humildade” (VII CPO, 1 c).

De fato, Francisco usa 306 vezes o título “irmão”, mais que outro título, exceto “Senhor”, que usa 410 vezes.

2.5. Fraternidade é o dom para a Igreja, a sua resposta ao convite do Crucifixo *“Vai e repara a minha Igreja.... ..”* O Concílio Vaticano II afirma que a Santíssima Trindade é a “fraternidade” que cria a Igreja “A Igreja universal se apresenta como um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). Francisco purifica a Igreja, convidando todos a viver como irmãos e irmãs. E esta é também hoje a nossa missão. Cada mosteiro deve ser imagem de relações trinitárias, para se formar a Igreja.

RELAÇÕES REDIMIDAS

Viver segundo a forma do Santo Evangelho

3.1. O VII CPO estabelece a ligação que Francisco intuiu entre “viver como irmãos e irmãs” e “viver segundo a forma do Santo Evangelho” (Test 14).

“O zelo pela observância da palavra de Jesus inspirou Francisco a considerar o Evangelho como o fundamento da vida fraterna (RnB I 1; Rb I 1). **Fundados na fidelidade ao Evangelho, a vida fraterna nos conduz à íntima relação com a Trindade**” (VII CPO, 1b)

“Viver segundo a forma do Santo Evangelho” purifica, redime as nossas relações, criando na terra relações configuradas à Santíssima Trindade, sem dominação, sem subordinação, ou seja, a unidade de amor. São Francisco nos dá esta indicação no final da Carta a todos os Fiéis, “**rogamos na caridade que é Deus** (Cf.1Jo 4,16), ...que vocês deverão acolher estas odoríficas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, com humildade e amor, operá-las no bem e observá-las com perfeição” (1Fi II, 19).

3.2. Francisco descobria a substância do Evangelho na pobreza e humildade de Deus. Francisco exclamou: “*Tu és humildade*” (LD, 6). A humildade do Pai é o seu olhar o Filho. Francisco tinha uma compreensão muito especial deste mistério: “*este seu Verbo..... recebeu a carne da nossa humanidade*” (2 Fi, 4). Humildade não é uma qualidade de Deus, mas é a essência de Deus como Amor. São Boaventura nos diz que o mesmo abraço do Pai ao Filho é o abraço a toda a humanidade e a todo o criado. Na Encarnação “Deus, com profundo amor, se inclina para a nossa baixa e assume o barro da nossa natureza na unidade da sua própria pessoa” (S. Boaventura, *Sermão II na Natividade do Senhor*, Opera Omnia, Ad Claras Aquas, MCMI, IX, p. 110). Deus se abaixa, com humildade, para abraçar todo o criado. Na visão franciscana, a encarnação advém não por causa do pecado mas devido ao amor superabundante e humilde de Deus.

3.3. A humildade abraça o outro. A humildade exprime a natureza relacional de Deus. A humildade exprime a natureza relacional da nossa humanidade. Tornar-se humilde significa gloriar-se pelo fato de que somos criados no amor, redimidos pelo amor, viventes por uma relação de amor com o Deus Trindade e com todas as criaturas, com as quais partilhamos a existência. Ser humilde

significa amar como Deus.

3.4. É comum a todos os franciscanos viver em fraternidade segundo a forma do Santo Evangelho. Esta forma de vida nos torna presentes entre os homens e as mulheres para servi-los com humildade. No coração desta forma de vida está a contemplação do Senhor Jesus, que por amor à nossa humanidade veio a nós, fazendo a sua morada entre nós, para criar um novo modo de viver as nossas relações.

POBREZA E CONTEMPLAÇÃO

4.1. *“Olhe a pobreza daquele que, envolto em panos, foi posto no presépio! Admirável humildade, estupenda pobreza! O Rei dos anjos, o Senhor do céu e da terra repousa numa manjedoura”* (4In 19-21).

Santa Clara intuía a ligação essencial entre a pobreza e a oração/contemplação. Clara, admirada pela ação de Deus que se faz pobre na humildade de uma estrebaria, e ainda mais na humildade do *Verbo que se fez carne*, convida suas irmãs, como ela enclausuradas no segredo de Deus por amor, simplesmente e na pureza, somente por amor, a escancarar os horizontes da própria oração. Assim escreve a Inês de Praga:

“Contemple o seu Esposo, mui nobre rainha, o mais belo entre os filhos dos homens, desprezado, ferido e tão flagelado em todo o corpo, morrendo no meio das angústias próprias da cruz.

Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo”(2In 20).

“Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo”. São palavras que exprimem a oração que não é simplesmente um elevar a Deus perguntas ou súplicas ou louvores, mas é observar com os próprios olhos de Deus pois a oração contemplativa nos coloca no mesmo espaço de Deus e nos impulsiona a fazer como Deus fez! Contemplando Jesus, Francisco imitava a relação de Jesus com o Pai. Contemplando Jesus, Francisco imitava a humildade de relação de servo que Jesus tinha para com os seus irmãos e as suas irmãs. Contemplando-O no mistério da Cruz! O Humilde Amor se estende na cruz para abraçar-nos até atingir-nos na profundidade do nosso pecado, da nossa alienação e das nossas relações dilaceradas. A cruz é o sinal incontestável, plantado na história, indicando que nenhuma expressão da nossa humanidade nos separa ou nos aliena do Amor redentor de Deus.

Como podemos ver e contemplar como Deus? Como age Deus? Como (seguindo Francisco e Clara) o Altíssimo, o Onipotente, o Glorioso, o Sumo e Santíssimo Deus, olha o homem e a criação? Simplesmente aproximando-se do homem na pobreza da Encarnação, na carne de Jesus Cristo. Deus entra no espaço do homem, do finito para que o Infinito seja acessível, visível e fruível. Onde o Amor não é fruto de uma recompensa ou mercadoria de troca, mas é dom gratuito:

“Se alguém oferecesse todas as riquezas de sua casa para comprar o amor, com total desprezo o tratariam” (Ct 8,7)

Como podemos ver e contemplar:

*“Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se inteira, pela **contemplação**, na imagem da divindade ... Ame totalmente Aquele que se entregou inteiro por seu amor” (3In 12-15).*

4.3. Clara intui, seguindo Francisco, que aquilo que é necessário para ver o Amor na ação, para reconhecer o que Deus realiza a todos os homens, é viver na pobreza. **Deus se fez pobre!** Para entrar no espaço de Deus, para ver como Ele vê, significa entrar na pobreza assumida por Cristo que estupefaz e que conduz a novas relações, marcadas pelo único fim que é o bem do outro, sem interesse algum, a não ser aquele Bem.

“Somente o serviço ao próximo me faz ver aquilo que Deus faz para mim e como Ele me ama”, afirma com razão o papa Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas est*. Somente rezar ou somente agir, tomados separadamente, não realizam o espaço de Deus, do Deus de Jesus Cristo. Somente na ação da oração compreendo o amor ao outro e na ação para o outro compreendo e aprofundo o Amor de Deus por mim.

4.4. Aparece a reciprocidade entre contemplação de Cristo e contemplação dos pobres no privilégio da pobreza que o papa Gregório IX concedeu a Clara e às suas irmãs, por escrito, no dia 17 de setembro de 1228. A Pobreza de Clara é *viver sem nada de próprio*. É uma afirmação que implica o dispor da própria vida na firme decisão de seguir Cristo, de imitá-lo na sua obediência e na sua pobreza, que se exprime nos Mistérios da Encarnação, Cruz e Eucaristia.

4.5. E o privilégio da pobreza mudou radicalmente a relação das Irmãs Clarissas com a gente que vivia ao redor delas. Como Francisco contemplava o Crucifixo no corpo sofrido do leproso, assim Clara e suas irmãs contemplavam a imagem do Cristo pobre e humilde, escrito na carne e na vida dos pobres que viviam ao redor de São Damião. Clara e as suas irmãs insistiram em pedir o **privilégio da pobreza**, de modo a excluir toda possível dominação de poder sobre os camponeses e os servos que faziam parte essencial da economia de qualquer outro mosteiro feminino do tempo.

E não só, Clara vai além. A sua radicalidade não permite meias medidas: a sobrevivência das Irmãs Clarissas devia depender dos pobres. Como? Se os frades que seguiam Francisco podiam esmolar de porta em porta, para Clara, fechada na sua voluntária clausura, esmolar não era possível. A sua situação era de dependência total da divina providência, que se exprimia concretamente numa dependência total dos pobres. Esta opção radical estava no coração daquela “luta espiritual” que Ela teve com o Cardeal Hugolino, depois papa Gregório IX.

4.6. Clara descobriu a pobreza de um Deus que não tinha nenhum poder, nem mesmo um lugar para nascer. Descobriu um Deus que morria fora da cidade, num lugar elevado, que permitia ver e ser visto e abraçar a todos num amor humilde que perdoa. Descobriu um Deus que tem somente o poder de amar e que transforma a modalidade de relação.

O DOM DAS CLARISSAS À ORDEM E AO MUNDO.

5.1. No Encontro na Cidade do México, falamos sobre a Carta Apostólica de João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*. O papa escreveu esta Carta na conclusão do Grande Jubileu do ano 2000. Através desta carta, o papa convocou toda a Igreja a refletir “sobre o que o Espírito disse ao Povo de Deus... desde o Concílio Vaticano II até o Grande Jubileu” e de oferecer “o contributo do (seu) ministério petrino, para que a Igreja resplandeça sempre mais na variedade dos seus dons” (NMI, 3). A novidade e o desafio para a Ordem está contida na expressão **espiritualidade de comunhão**.

“É preciso *promover uma espiritualidade de comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão... Espiritualidade de comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor” (NMI, 43).

Para o papa a “espiritualidade de comunhão” tem uma ligação essencial entre a identidade da Igreja como comunhão de amor e a missão da Igreja como sinal e instrumento de unidade da família humana.

5.2. A espiritualidade tradicional dos Capuchinhos das duas Ordens, primeira e segunda, é uma espiritualidade **ascética**, uma espiritualidade da perfeição pessoal. A austera simplicidade da nossa pobreza, o espírito de penitência, a meditação são essenciais àqueles que desejam configurar a própria vida com o Cristo Pobre e Humilde, mas João Paulo II nos orienta que isto não basta. A pobreza, a humildade e a oração contemplativa devem redimir e purificar as nossas relações humanas: “o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor” (NMI, 43). O VI e VII CPO, abrem os nossos olhos à capacidade da pobreza e da minoridade evangélica de transformar e redimir as relações entre nós, com a Igreja e com o mundo. É importante que a Segunda Ordem apresente o seu contributo único a esta espiritualidade franciscana da comunhão.

5.3. O mundo secularizado acredita que a própria tecnologia contenha tudo o que é necessário para o progresso e a libertação da humanidade, proclama que a própria tecnologia, produto do gênio humano, contenha tudo para uma vida humana

completa, que somos onipotentes, que não temos necessidade de Deus. Há um elemento de verdade na onipotência da tecnologia humana pois, obviamente, existem grandes capacidades, mas a tecnologia sucumbe diante da avareza e da prepotência do homem. A tecnologia, muitas vezes, é utilizada para o bem de poucos em detrimento de muitos. Ela pode multiplicar pão e peixe mas não pode tocar o coração do jovem que tornou possível o milagre oferecendo tudo o que possuía (cf. Jo 6,9). O nosso mundo secularizado é um mundo de alienação, isolamento e de relações esfaceladas.

Cada mosteiro das Clarissas é um anúncio ao mundo de que a pobreza e a contemplação transformam as relações:

*“Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se inteira, pela **contemplação**, na imagem da divindade ... Ame totalmente Aquele que se entregou inteiro por seu amor”* (3In 12-15).

Um mosteiro assim é evento de cura e de paz.

5.4. O testemunho das Clarissas é de grande importância aos irmãos da Primeira Ordem. No VI e VII CPO descobrimos que a nossa pobreza e minoridade constroem a comunhão da Igreja e do mundo. Os escritos da irmã Clara apresentam um apelo: *“Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo”* (2In, 20). Quando “imitar” é destacado de “olhar, meditar e contemplar” cai-se no ativismo social. O VI CPO (prop. 17) trata deste assunto. O ativismo é mais que uma intensa dedicação ao trabalho. O ativismo nos obriga a viver de maneira superficial e frenética, tornando-nos incapazes de refletir e experimentar a profundidade da nossa própria humanidade. O VI e VII CPO perderão sua força em renovar as relações para construir a própria Igreja se não forem bem fundadas na “contemplação”. O compromisso das Clarissas é um contínuo desafio aos frades, indicando que não é possível imitar sem olhar, considerar e contemplar.

5.5. Citando mais uma vez o papa, também podemos afirmar com Santa Clara *“Quem caminha para Deus não se afasta dos seres humanos, antes, torna-se-lhes verdadeiramente vizinho”* (Bento XVI, *Deus caritas est*, 42). A vitalidade espiritual de Santa Clara se estende além da clausura de São Damião, alcançando Praga e a

vida de Inês e suas Irmãs, mas atinge também os pobres fora da porta de São Damião, envolvendo os pobres da Úmbria na mesma vida do mosteiro. A sua presença reclusa no espaço de Deus a circundou de homens e mulheres que reconheceram que a sua oração tinha um só poder, o poder do Amor, o único poder que gera Vida. Rezemos para que o encontro da Cidade do México provoque uma reflexão nos mosteiros e federações de vocês e para que o espírito da Santa Mãe Clara infunda vitalidade nova ao carisma, de modo a dilatar-se para o bem de toda a Igreja.

Seu irmão,

Fr. John Corriveau
Ministro Geral, OFMCap.

Roma, 11 de agosto de 2006
Festa de Santa Clara

Sommario

CARTA CIRCULAR 27 IMAGEM DA DIVINDADE.....	5
VIVER COMO IRMÃOS E IRMÃS.....	6
RELAÇÕES REDIMIDAS.....	8
POBREZA E CONTEMPLAÇÃO.....	10
O DOM DAS CLARISSAS À ORDEM E AO MUNDO.....	13

